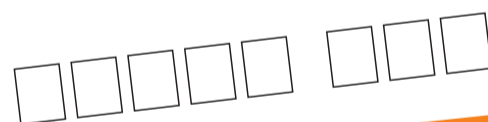


POSTAIS

do Conhecimento



As raízes da Extensão



A fotografia do artista Rodrigo Braga revela, de relance, uma paisagem comum do cotidiano. Mas quando vista com a sensibilidade necessária, apresenta uma riqueza de significados que aguça nossos olhos. Assim como sugere a imagem, a Extensão se estende em várias ramificações, mas precisa ser observada com um novo olhar por todos os que a vivenciam no ambiente acadêmico. As ações extensionistas avançam sobre os muros da Universidade e se lançam num diálogo pleno com a sociedade, do qual se pode extrair bons frutos. Associada ao Ensino e à Pesquisa, a Extensão forma uma base sólida para o enraizamento do conhecimento como meio de transformação de nossa sociedade.

Ensino de inglês afinado à economia do Pontal

Diana Monteiro

É impossível conhecer Maceió e não fazer do bairro do Pontal da Barra parada obrigatória. Centro produtivo da famosa renda filé, do variado artesanato, de deliciosas comidas típicas, proporciona diariamente passeios turísticos inesquecíveis nas águas das Lagoas Mundaú e Manguaba. É nesse bucólico e encantador bairro, entre a lagoa e o mar e caracterizado pelo seu jeito simples de viver, que a Universidade Federal de Alagoas mantém, desde 2003, um projeto de ensino de inglês para seus moradores, fruto de uma parceria entre a Casa de Cultura Britânica e a Indústria Química Braskem, instalada na área.

O Projeto **Fale Inglês no Pontal**, inicialmente coordenado pelo professor Antônio Ângelo Farias da Silva, da Casa de Cultura Britânica, ampliou as ações em 2010 sob a coordenação da professora Adriana Lopes Lisboa Tibana, da Faculdade de Letras. O objetivo principal é promover o desenvolvimento sustentável, ou seja, fixar no bairro a comunidade produtiva, incentivando-a a buscar no lugar o meio de sobrevivência, o seu próprio trabalho. O material didático do curso é voltado às necessidades de comunicação do bairro: passeios de barco ou canoa, restaurantes,

venda de artesanatos, dentre outros.

O mais interessante da ação de extensão é que trabalha formando instrutores da própria comunidade. A professora Adriana Lisboa informa que, atualmente, existem seis instrutores, oriundos da turma de inglês mais avançada, voltados para atender o público-alvo formado por crianças e jovens na faixa etária de 9 a 17 anos de idade. "No momento participam do projeto 133 alunos da comunidade. Os instrutores receberam, de março a dezembro de 2010, formação continuada de ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira com o objetivo de torná-los multiplicadores dentro da própria comunidade", enfatiza Adriana.

No primeiro semestre, as aulas do curso **Fale Inglês no Pontal** se realizaram às terças e quintas-feiras, nos horários matutino e vespertino, e às segundas e quintas-feiras, no horário noturno. As noites das quartas-feiras ficaram reservadas para os instrutores que continuam tendo aula com o professor Ilbert Cavalcanti, da Casa de Cultura Britânica. O encontro semanal da coordenação do projeto acontece todas as quintas-feiras à noite. O projeto, que ocupa



Alunos do Projeto Fale inglês no Pontal

espaço numa escola da comunidade, em breve terá sede própria com a construção de salas para as atividades.

"Estamos dando oportunidade aos nossos alunos de não participar somente de atividades de docência, mas também proporcionar momentos de reflexão sobre a formação de pro-

fessores com uma visão crítica do ensino de línguas", destaca a professora Adriana Lisboa, ao tempo em que reforça o compromisso da Ufal em promover a inclusão social, propiciando um maior acesso da população à educação e comungando com o papel da extensão definido no plano de desenvolvimento da instituição.

Casas de Cultura ao alcance da comunidade

O vai e vem diário registrado no Espaço Cultural Salomão de Barros Lima têm uma impressionante e simples explicação: são os alunos das Casas de Cultura participantes dos cursos de Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano, Latim e Português. O projeto de extensão ao alcance da comunidade foi implantado há mais de duas décadas e tem suas ações consolidadas, principalmente, pelo dinamismo das metodologias adotadas e pela qualificação dos professores.

A partir de 2009, o aprendizado de idiomas foi ampliado para o Campus Maceió, com a oferta inicial dos cursos de Inglês, Espanhol e Português por meio do Projeto Casa de Cultura no Campus, numa parceria entre a Pró-reitoria de Extensão, Pró-reitoria Estudantil e a

Faculdade de Letras, sob a coordenação do professor Sérgio Ifa. Nesse projeto, as aulas são destinadas aos alunos de graduação da capital

Para Thiago Alencar, aluno de Ciências Sociais e cursando espanhol, o seu objetivo é seguir carreira acadêmica, mas também pensa na possibilidade de atuar em organismos internacionais, nos quais os idiomas são pré-requisitos exigidos. "Aprender mais uma língua estrangeira significa ampliar a possibilidade de novos mercados acompanhando todo o processo de globalização e internacionalização existente", afirma Thiago, que já concluiu o curso de inglês na Casa de Cultura Britânica.

Estudante do curso de licenciatura em Geografia, Priscyla Kelley Alves Meyer é aluna do curso de inglês e deseja seguir carreira acadêmica.

"Aprender um novo idioma é importante para o mercado de trabalho", declara ela.

Os dois estudantes destacam o dinamismo do curso e a facilidade de combinar os horários das aulas da graduação com as ministradas pelo programa, que acontecem no prédio da Faculdade de Letras.



Thiago Alencar cursa espanhol



Priscila Meyer, aluna de inglês

EXPEDIENTE

Postais do Conhecimento, com o tema **As raízes da Extensão**, é o quarto número de uma coleção comemorativa dos 50 anos da Universidade Federal de Alagoas, publicada em 2011. **Tiragem:** 10.000 exemplares

GESTÃO

Ana Dayse Rezende Dorea – **REITORA**
Eurico de Barros Lôbo Filho – **VICE-REITOR**

Universidade Federal de Alagoas

Endereço: Campus A. C. Simões – Av. Lourival de Melo Mota, s/n. Tabuleiro do

Martins. Cep:52072-970. Maceió-AL

Assessoria de Comunicação (Ascom): 3214-1052

Pró-Reitoria de Extensão (Proex): 3214-1134

Coordenação de Assuntos Culturais: 3221-3122

www.ufal.edu.br
ascomufal@gmail.com

Coordenação Geral

Márcia Rejane Gonçalves Ferreira MTB 352/AL

Redatores

Diana Monteiro
Jhonathan Pino
Lenilda Luna
Rose Ferreira
Joabson dos Santos
Simone Cavalcante
Nicolle Freire
Tâmara Albuquerque

Edição

Simone Cavalcante

Projeto Gráfico e Diagramação

Jailson Albuquerque

Revisão

Rose Ferreira

Fotografias

Manoel Mota e arquivo da Pinacoteca

Acervo Pinacoteca



Rodrigo Braga, o artista visual manauense Rodrigo Braga, radicado em Recife, fez uma imersão nas cidades de Tabira e Solidão no interior de Pernambuco, e dessa vivência nasceu uma série de fotos – que inclui a desta capa – que fizeram parte da exposição **Desejo Eremita** (2010), realizada na Pinacoteca Universitária.

O pioneirismo do Paespe com estudantes do nível médio de escolas públicas

Lenilda Luna

A estudante de Engenharia Civil, Gracyelle Oliveira, de 22 anos, cursou o ensino médio na Escola Estadual Eunice de Lemos Campos, no bairro do Benedito Bentes. Em toda a rede estadual de ensino existe uma grande carência de professores das disciplinas da área de exatas e a estudante se sentiu bastante prejudicada na formação escolar. "Matemática, Física e Química foram disciplinas que estudei superficialmente, com a ajuda de monitores, sem cumprir toda a carga horária necessária para um bom aprendizado", reclama a estudante.

Mas Gracyelle ficou sabendo do Programa de Apoio aos Estudantes de Escolas Públicas do Estado (Paespe), que existe na Ufal desde 1992. Apesar de ter ficado inativo por um tempo e ter retornado em 2004, o Paespe continua sendo uma atividade de extensão e ensino, financiada pelo Programa de Apoio a Extensão do MEC (PROEXT/SESu/MEC) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal), com a finalidade de suprir carências dos estudantes do ensino médio de escolas públicas do Estado em todas as disciplinas. "Eu terminei o ensino médio

no final de 2006 e passei o ano de 2007 assistindo as aulas do Paespe. Foi o que me ajudou a passar no PSS e entrar na Ufal em 2008", ressalta a estudante.

As aulas do Paespe são realizadas de segunda a sábado, no Centro de Tecnologia da Ufal, e são orientadas por diversos professores de Engenharia Civil, Engenharia Química, Química, Biologia e por bolsistas do PET Engenharia Civil e do PET Letras da Ufal. "Atualmente, o Paespe beneficia diretamente em torno de 50 estudantes do ensino médio de diversas escolas públicas do Estado", relata o coordenador do programa, professor Roberaldo Carvalho de Souza, que também é tutor do PET Engenharia Civil.

Com a experiência bem-sucedida do Paespe, muitos alunos das escolas públicas foram motivados a entrar na Universidade e seguir com os estudos. "Hoje, além de estudantes das engenharias que foram alunos do Paespe, temos servidores técnicos da Ufal e uma professora, que passaram pelo programa, foram bolsistas e agora estão nos quadros da Universidade", comemora o coordenador.

Conhecer e experimentar a Engenharia

Nessa relação importante de aproximação com as escolas públicas, outros projetos foram surgindo, como o Conhecer e Experimentar a Engenharia (Ceeng). O programa foi iniciado em 2007 e é coordenado pelo professor Luciano Barbosa. "A intenção é divulgar a área junto aos alunos das escolas públicas, apresentando os campos de atuação e promovendo experiências que nem sempre eles têm condições de vivenciar na escola", ressalta Luciano.

Numa dessas atividades, um grupo de alunos da escola Estadual Onélia Campelo, que fica próxima à Ufal, no conjunto Santos Dumont, estavam concentrados na construção de prédios feitos com pequenos componentes de material plástico. "Aqui eu já vi um pouco de geotecnia, hidráulica, fontes de energias, assuntos que não foram abordados com essa experimentação na minha escola", disse João Victor da Silva, 17 anos, aluno do 3º ano.

Jéssica Santos, 16 anos, aluna do 2º



Gracyelli Oliveira Viana, bolsista do Paespe

ano, também estava entusiasmada com a atividade. "Quero cursar Engenharia Civil e aqui estou tendo noções que não aprendi na escola e ainda a oportunidade de conhecer o cotidiano da Ufal, entrar nos laboratórios e conversar com os estudantes de Engenharia", ressaltou a estudante.

Conexões de Saberes: "Minha vida mudou muito depois que eu entrei na Ufal"

Lenilda Luna

Para Dijânia Correia, 41 anos, ter concluído o supletivo e depois ter sido aprovada no concurso de merendeira da rede municipal de ensino, há dois anos, já foram importantes conquistas. Mas a então moradora do conjunto Village Campestre queria mais. Uma amiga contou para ela de um pré-vestibular comunitário gratuito com aulas no conjunto Graciliano Ramos, que preparava para a seleção da Ufal.

"A minha amiga fez o cursinho e entrou para Geografia na Ufal; isso me animou a tentar. Em 2010, busquei informações sobre o Conexões de Saberes e me matriculei no cursinho", conta Dijânia. Mesmo trabalhando como merendeira e cuidando de 9 filhos, Dijânia não faltou uma aula. "Fiquei sem tempo de sair com os meninos, de cuidar da casa, tinha aula até no domingo. Foi um sacrifício para toda a família, mas todos me ajudaram, tive apoio dos filhos e do marido", disse a estudante.

Todo esse esforço foi recompensando quando, no início de 2011, Dijânia foi aprovada como aluna de Ciência da Computação na Ufal. "Eu estava em casa doente e não pude acompanhar a leitura da listagem dos aprovados. Mas depois do resultado, meu celular não parou de tocar. Muita gente comemorou comigo esta vitória", lembra Dijânia.

E para aumentar as alegrias, vários amigos do grupo de estudo de Dijânia foram aprovados no mesmo período. "Da nossa turma, que se reunia todas as tardes na biblioteca do Acauã, teve o Alejandro, que passou em Engenharia Civil, o Franklin Oliveira, que conseguiu uma bolsa numa universidade

particular, e o Bernardo, que passou para Geografia na Ufal," comemora a universitária.

Dijânia ressalta a importância que o programa Conexões de Saberes teve para essa aprovação. "Eu praticamente não cursei o ensino médio, fiz apenas o supletivo. O cursinho pré-vestibular do programa Conexões me ajudou a revisar alguns assuntos e a aprender outros. Além disso, o incentivo dos professores e dos colegas foi fundamental para superar as dificuldades", ressalta a estudante de Ciência da Computação.

"Minha vida mudou muito depois que eu entrei na Ufal. Sei que estou no início da conquista de um sonho e que ainda tenho um longo caminho pela frente, mas a visão das pessoas sobre mim já é bem diferente. Na escola onde trabalho e no bairro onde moro todo mundo se surpreende quando digo que estudo Ciência da Computação", conta a merendeira.

Além disso, a conquista de Dijânia influenciou toda a família. Depois que ela passou no vestibular, o filho mais velho, José Elson, de 21 anos, que trabalhava num mercadinho, deixou o trabalho para estudar. "Ele vai fazer o Enem e quer entrar na Ufal também. Eu digo para ele que não é fácil, mas não se pode desistir", ressalta Dijânia.

Adison Natanael, de 11 anos, companheiro inseparável da estudante, estava com a mãe durante a entrevista. "Esse aqui é muito estudioso e já está crescendo com a ideia de que, mesmo com as dificuldades financeiras que temos e com as deficiências do ensino público, nós podemos e devemos querer mais", disse Dijânia.

O marido da universitária também voltou a estudar. Ele está desempregado, estava desestimulado, mas ganhou um novo ânimo com a aprovação da esposa na Universidade Federal de Alagoas. "Eu sei que sou um estímulo para todos eles, por isso não posso desanimar. Às vezes penso que não vou conseguir entender Geometria Analítica (risos), mas encaro essas disciplinas como mais um desafio na vida", conclui a universitária.

A área de ação do Saberes

O Programa "Conexões de Saberes: diálogos entre a universidade e as comunidades populares" ligado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), tem como finalidade responder, de modo criativo e inovador, ao desafio de construir espaços comuns de trocas de saberes e fazeres entre a Universidade e a sociedade, valorizando as expectativas e experiências dos jovens de origem popular, sobretudo, na construção do conhecimento acadêmico capaz de contribuir com as demandas fundamentais de cidadãos e cidadãs profundamente marcados pela desigualdade social. Entre os projetos de Extensão que compõem este Programa está o curso Pré-Vestibular Comunitário, que visa dar condição ao estudante oriundo de escola pública, aprimorar os seus conhecimentos, habilitando-o a participar do Processo Seletivo da Ufal e outras Instituições de Ensino Superior públicas ou privadas.

O cursinho pré-vestibular, mantido pela Pró-reitoria de Extensão da Ufal, funciona nas seguintes sedes: Conjunto Residencial Graciliano Ramos, com 80 vagas, bairro do Benedito Bentes,



Dijânia Correia é um exemplo de superação

com 100 vagas, conjunto Osman Loureiro, 50 vagas, bairro da Chã da Jaqueira, 50 vagas, Farol, 100 vagas, bairro do Bom Parto, 50 vagas, município de Rio Largo, 100 vagas, município de Santa Luzia do Norte, 60 vagas, município de Satuba, 50 vagas, município de Arapiraca, 100 vagas, município de Penedo, 100 vagas, e no município de Palmeira dos Índios, com 100 vagas. Ao todo, foram oferecidas 940 vagas em 2011. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, no horário das 19h às 22h, e aos sábado das 9h às 12h.

As ramificações entre ○ conhecimento científico e a comunidade

Nicolle Freire, Simone Cavalcante e Joabson Santos

Há em todo o país, no contexto das Instituições de Ensino Superior (IES), uma discussão muito presente acerca da importância da extensão na dinâmica acadêmica. Mas por que existem tantos obstáculos em definir até onde vão os limites de atuação da atividade extensionista, comparado à facilidade em situar a área de abrangência do ensino e da pesquisa? A questão se coloca como um desafio para a maioria das IES.

Fazendo parte desse grupo, a Ufal vem convivendo, desde o lançamento de sua pedra fundamental, com formas diferentes de lidar com a questão. No início, durante a fase de construção empreendida pelo reitor A. C. Simões, nem a extensão, nem tampouco a pesquisa, eram vistas como prioridade. Por outro lado, algumas ações de caráter cultural vão contribuindo para definir uma noção de extensão que vigoraria por mais de duas décadas na instituição: aquela associada ao fazer artístico.

Na segunda metade dos anos 1960, por exemplo, segundo depoimento do maestro Benedito Fonseca, havia em atividade os Coros das Faculdades de Medicina e Direito e do Instituto de Letras, dos quais fora regente. Esses coros seriam transformados, anos depois, no Coro Universitário de Alagoas (CUA) que viria a ser, na década seguinte, o Corufal. Na área também de música, foi realizado, pelos estudantes, o I Festival Universitário de Música Popular (1968). O segmento das artes cênicas também demarcava seu espaço, com a atuação do Teatro do Estudante Universitário de Alagoas – TEU (1963), Os Corujas (1966), Os Independentes (1967) e O Teatro do Instituto de Letras e Artes – TILA (1971).

Essa articulação unívoca entre extensão e cultura permanece até mesmo depois da criação, em 1971, da Pró-reitoria para Assuntos Estudantis e Comunitários (Praec). No relatório da gestão Nabuco Lopes, publicado neste mesmo ano, são destacadas como atividades dessa natureza o I Festival Universitário da Música Popular Brasileira, o apoio ao Coro Universitário e a organização de lançamentos de livros. Com 34 cantores organizando uma programação intensa, o coro logo alcançaria relevo, sendo reconhecido formalmente por meio da Resolução n. 01, de 1973.

O Museu Théo Brandão, apesar de órgão suplementar, mantinha também vínculo com a Praec e estava, ao lado do coro, na lista dos principais equipamentos culturais da universidade com abertura para a comunidade. O Museu realizava a Festa do Folclore Brasileiro, que chegou a reunir 23 grupos folclóricos vindos de outros estados em 1977 e, ainda hoje, é ponto de circulação de produtos e artefatos produzidos por artistas de Alagoas e mantém no seu calendário a Semana de Cultura Popular.

Para o professor José Medeiros, dirigente da Praec na década de 70, a extensão buscava fazer "a Universidade sair da 'torre de marfim' e conviver com a população em derredor. Por outro lado, as programações artístico-culturais da Ufal foram de grande amplitude e raio de alcance: serviram para divulgar, despertar e envolver a comunidade nas atividades educativas, como instrumentos de elevação do nível intelectual, cultural e

social". Essa preocupação já sinalizava um transbordamento incipiente das ações da universidade para a comunidade.

Outro instrumento que contribuiu para estreitar o vínculo entre extensão e atividade artístico-cultural foi a implantação, em 1976, da Bolsa de Trabalho-Arte. A Bolsa era ligada aos Departamentos de Assistência ao estudante (DAE) e de Assuntos Culturais (DAC), do Ministério da Cultura, e possuía duas vertentes: beneficiava semestralmente os grupos artísticos culturais em atuação, como o Pastoril, o Teatro Universitário de Alagoas, o TUA (incorporado à Ufal em 1973), a Ginástica Moderna; e contribuía anualmente com estudantes-pesquisadores nas áreas de folclore, literatura de cordel e artes plásticas.

Além dessa concepção, havia outra corrente de pensamento que atribuía à extensão um sentido de prestação de serviço à comunidade tanto com um caráter provedor como meio de avaliação acadêmica. Dois projetos caminharam nessa direção: o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (Crutac) e o Estágio Rural Obrigatório. O Crutac era uma das prioridades do MEC para integrar a universidade ao desenvolvimento rural, utilizando como metodologia palestras e reuniões, cursos para líderes sindicais e educadores e levantamentos socioeconômicos. O Estágio Rural, como o próprio nome revela, estabelecia convênios com prefeituras do interior de olho também na formação.

O impulso dos Núcleos Temáticos

No final dos anos 80, a ampliação de mecanismos de escuta da sociedade, impulsionada, principalmente, pela criação dos núcleos temáticos dá uma nova configuração à política extensionista. A linha de atuação passa agora a ser o envolvimento das associações de bairro nas discussões com o corpo acadêmico. Essa dinâmica participativa tinha como pretensão debater temas e problemas que tocavam a vida comunitária e encontrar, nessas discussões, com o auxílio do instrumental acadêmico, formas de superação. Nesse percurso, o bairro do Tabuleiro do Martins teve um destaque especial por ser uma área vizinha ao Campus A. C. Simões.

A professora Delza Gitaí recorda como se dava sua plataforma de trabalho: "A extensão como entendo e como ficou marcada a partir da minha gestão, embora ainda com algumas dificuldades, é ida e volta, isto é, a ida

da universidade à comunidade tem um sentido mais amplo, é trazer para a universidade as demandas da sociedade para que ela, a universidade, reconstrua suas práticas pedagógicas e de pesquisa no interesse dessa sociedade. Daí o "enlace". Daí, "a universidade sai do casulo."

Em pleno século XXI, a universidade ainda busca consolidar um projeto institucional de extensão que tenha seus limites assimilados e postos em prática por todas as unidades acadêmicas. As ações ainda contemplam o fazer artístico, mas agora considera a cultura como uma das áreas temáticas, e não a principal. Em vez da visão unilateral de oferecer saídas para os problemas da comunidade com um caráter provedor, bem como da noção de avaliação acadêmica, como vistas no Crutac e no Estágio Rural, a ênfase agora é dada na adoção de editais, alguns com temáticas pré-definidas, dentro de áreas e linhas temáticas de ação. Outro mecanismo mais recente é a distribuição de recursos entre as unidades acadêmicas para a aquisição de equipamentos voltados às atividades extensionistas. A par desse instrumental, a extensão vem construindo um novo caminho de atuação.

A Extensão no novo milênio

Algumas medidas encontradas pela Ufal como forma de dinamizar as atividades extensionistas foram a criação de editais de natureza diversa, como por exemplo: Pibip Ação Campus A. C. Simões Maceió, Pibip Ação Campus Arapiraca e Unidades de Ensino, Pibip Ação Campus Sertão e Proinart. Porém, esses editais contemplam apenas o pagamento de bolsas de estudantes, o que para muitas atividades representa uma série de dificuldades para a gestão do projeto.

As dificuldades enfrentadas pelos coordenadores de projetos são muitas, mas em seus 27 anos de criação, a Proex contabiliza a cada ano acréscimo na quantidade de projetos cadastrados, representando uma maior quantidade de pessoas da sociedade que são atendidas. Em 2010, foram computadas mais de 700 ações de extensão, resultado dos editais e também iniciativas das próprias unidades. Além disso, existem os editais nacionais que contam com o incentivo da Proex, a exemplo do Pronera, Conexões de Saberes e Proext-MEC-Sesu.





Instalação do Comitê Assessor de Extensão, ligado à Pró-reitoria do mesmo nome, formado por representantes de entidades civis e departamentos da Ufal.



O Pastoril da Ufal, sob a direção da professora Maria Carrascosa

Esses projetos ficam registrados no Banco de Ações de Extensão, que inclui as áreas de Comunicação, Cultura, Saúde, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção e Trabalho. As áreas que mais têm cadastro de projetos são a da Saúde e da Educação. As demais unidades acadêmicas também têm despertado o interesse por projetos, sobretudo os Campi do interior que já foram criados vendo de forma mais sistematizada o funcionamento das atividades realizadas pela instituição.

Os projetos dialogam com diversas comunidades, além daquelas localizadas no entorno da instituição, como também são voltados para as ações

dos equipamentos culturais e científicos da Universidade. Esses estudos resultam em trabalhos acadêmicos apresentados em congressos, seminários e encontros de todo o Brasil, a exemplo do Congresso Brasileiro de Extensão (Cbeu) que, este ano, contará com a participação de seis projetos da Ufal, um deles do Campus Sertão e os demais do Campus A. C. Simões. Fora essas participações, destaca-se também a publicação de textos em revistas científicas, bem como em livros, frutos dos editais da Editora Universitária (Edufal).

Em 2011, a Ufal buscou instrumentais como forma de facilitar a distribuição de recursos para a extensão universitária. A partir de então uma das

saídas encontradas foi a divisão de mais de R\$14.000,00 que foram utilizados pelas unidades acadêmicas, na compra de material permanente.

Mesmo sem uma política institucional que garanta uma parcela específica de recursos para investimentos mais amplos, a Extensão universitária vem buscando estabelecer seu lugar e importância no plano orçamentário da instituição. Há uma demanda encampada pelo Fórum Nacional de Pró-reitores para que a Extensão, assim como ocorre com a Graduação e a Pesquisa, possa ter indicadores numéricos e que isso possa incidir na matriz orçamentária. Dessa forma, o governo federal passará recursos de acordo com a quantidade de projetos computados.

Os equipamentos e os acervos fazem Extensão

A extensão está presente no cotidiano dos equipamentos culturais e científicos mantidos pela Ufal. Ao longo dos seus 50 anos, a Universidade investiu na criação de quatro espaços museológicos – Museu Théo Brandão (1975), Pinacoteca Universitária (1981), Museu de História Natural (1990) e Usina Ciência (1991) –, do Espaço Cultural Universitário e de alguns conjuntos artísticos, dos quais sobrevive até hoje o Corufal (1973) e a Orquestra da Ufal (1981). Esses equipamentos surgiram muito mais pelo empenho de pessoas interessadas em levar adiante projetos científicos e culturais do que propriamente pela ação direta da instituição em criá-los. Mas sem sobra de dúvida, a existência deles se justifica pela função extensionista que desempenham.

Coube ao Corufal e ao Museu Théo Brandão o pioneirismo nos campos da música e da cultura popular, respectivamente. Esses equipamentos surgiram no período rígido da ditadura, na gestão do reitor Nabuco Lopes, mas conseguiram exercer, com um certo grau de autonomia, suas atividades. O Corufal nasceu do trabalho obstinado do músico Benedito Fonseca que, anos antes, já se dedicava à regência dos coros dos cursos de Medicina, Direito e do Instituto de Letras.

Esses coros foram fundidos, dando origem ao Coro Universitário de Alagoas (CUA) que, em 1973, seria oficializado pela Ufal com o nome de Corufal. Em 1979, por iniciativa do Departamento de Artes, o Corufal tomou a linha de frente do Encontro de Coros de Maceió (Encorama), que teve dezoito edições, alcançando um público total de 30.000 pessoas. O Corufal se apresentou em diversos estados brasileiros, concorrendo a festivais nacionais e internacionais. Atualmente, o coro tem em sua formação pessoas também não ligadas à Universidade e continua levando adiante o projeto do canto coral.

Já o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore (MTB) abrigou, inicialmente, a coleção de arte popular doada à Universidade pelo professor Théo Brandão, que se tornaria seu primeiro diretor. Ao longo dos anos, mais peças foram adquiridas, ampliando o acervo para a temática da cultura popular nordestina. O acervo está distribuído em cinco categorias: bibliográfico, sonoro, fotográfico, museológico e arquivístico.

Atualmente, existem vários projetos para viabilizar ações de preservação e interpretação do acervo, ressaltando sua relevância cultural, histórica e patrimonial. O MTB possui o acervo de cultura popular mais diversificado de Alagoas. Aberto à comunidade para visitação e aos artistas, para que divulguem seus trabalhos, também se mantém em pleno diálogo com a Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal).

Movimento de abertura para as artes

Na década de 80, durante a gestão do Reitor João Azevedo, a música novamente entra em cena, com a criação da Orquestra da Ufal, acompanhada também da criação da Pinacoteca Universitária. Esses dois equipamentos resultam de um processo gradual de reconhecimento da necessidade de formalização do fazer artístico dentro da instituição, que tem como ponto de culminância a criação do Departamento de Artes.

A Orquestra da Ufal surge, nesse contexto, por meio do empenho do músico Julião Marques, que foi seu primeiro regente. Com a ideia de aproximar a música erudita do cotidiano dos alagoanos, o maestro deu início à primeira formação da Orquestra, que optou pela modalidade de câmara. Nos primeiros anos de formação, esse conjunto musical realizou diversas

apresentações e algumas tiveram finalidade educativa, os chamados concertos didáticos. Até hoje esses concertos integram as ações da Orquestra, que também desenvolve, além dos concertos comemorativos, o projeto Quintas Sinfônicas.

No mesmo ano de criação da Orquestra, surgiria a Pinacoteca Universitária, que teve como primeiro diretor o artista Rogério Gomes. Criada, inicialmente, para ser um lugar de circulação de obras artísticas, a Pinacoteca vem hoje buscando se transformar também num espaço museológico, com a implantação de uma exposição de longa duração. Esse equipamento cultural é um dos raros espaços de Alagoas voltado exclusivamente às artes visuais, contemplando diferentes vertentes do gênero. Além de expor e divulgar a arte, a Pinacoteca promove debates, cursos de formação e visitas guiadas com agendamento de escolas públicas e privadas, o que fortalece o caráter pedagógico e cultural de suas ações.

Os acervos de caráter científico

A produção e a difusão do conhecimento científico são razões que justificam a existência da Ufal. Além da sala de aula e dos laboratórios de pesquisa, a instituição buscou, na década de 90, criar uma outra modalidade de espaço voltada à divulgação científica e que tivesse mais canais de abertura com a comunidade. Dentro dessa visão, foram instituídos o Museu de História Natural e a Usina Ciência, que nasciam do empenho de pesquisadores ávidos em partilhar descobertas e experiências com o público externo à Universidade, sobretudo, o segmento de professores da rede de ensino.

Uma das principais razões para a existência do Museu de História Natural (MHN) é ser um ponto de aglutinação para o desenvolvimento de pesquisas

nos âmbitos da graduação e pós-graduação da Universidade. Esses estudos e descobertas são transformados em coleções científicas, como as de Geologia e Paleontologia, Zoologia, Ecologia, Taxidermia, Herbário, Mastozoologia, Antropologia e Arqueologia. O MHN atua também como um espaço de educação não-formal, ao disponibilizar para a população o acesso a uma exposição de longa duração, com informações sobre o ambiente natural de Alagoas.

Já a Usina Ciência da Ufal, localizada ao lado do MHN, é um espaço voltado para a divulgação científica, com as finalidades didático-pedagógica e de popularização da ciência. O seu acervo reúne experimentos científicos e tecnológicos, distribuídos em salas de exposição, laboratórios, parque científico e casa ecológica. O Museu está aberto à visitação pública e se preocupa em desenvolver cursos de formação para educadores de escolas de nível médio, bem como outras ações de extensão, em parceria com outros setores da Universidade, como o Instituto de Química e Biotecnologia, Instituto de Física, Centro de Educação, Museu de História Natural, Labmar, Instituto de Geografia e Meio Ambiente, entre outros.

Esses equipamentos científicos, bem como aqueles de âmbito cultural, criados em diferentes contextos, têm em comum o desenvolvimento de ações extensionistas. Algumas dessas ações estão interligadas ao ensino e à pesquisa, outras mantêm ainda um caráter de entretenimento cultural associado a preocupações educativas e existem aquelas que já avançam para a noção de extensão como uma via dupla, em que as necessidades e os problemas sociais são levados à prática acadêmica e, dessa interação, tentasse buscar soluções coletivas e viáveis para a transformação das demandas apresentadas.

Educação no campo: a experiência do Pronera

Lenilda Luna

Marcela Nunes é do coletivo Estadual de Educação do MST em Alagoas. A educadora fez Letras na Ufal, e foi na universidade que conheceu o Movimento Sem Terra. A partir daí, ela se engajou no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) e começou a dar aulas em assentamentos, participando também das capacitações de Educadores do campo, realizadas pelo Centro de Educação da Ufal.

"Foi uma experiência muito importante porque as licenciaturas não são voltadas para os desafios específicos da Educação no campo. O Pronera formava educadores para a realidade dos assentamentos, dos trabalhadores rurais, estimulava esse compromisso com o movimento", destacou Marcela, que hoje é também pré-assentada no Assentamento Margarida Alves, em Atalaia.

O Pronera foi criado, em 1998, pelo Governo Federal, após um amplo processo de debate provocado, em âmbito nacional, pelos movimentos sociais do campo, liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. "Organizados na luta pelo direito dos trabalhadores e trabalhadoras do campo terem acesso à escolarização, os movimentos sociais do campo vinham desenvolvendo um conjunto de ações ou iniciativas de educação em áreas de assentamento da Reforma Agrária. Esse acúmulo de experiências e a reflexão sobre elas destacaram a necessidade de uma presença mais efetiva de política públicas nas áreas de assentamento", conta Ana Vergner, pesquisadora em Educação da Ufal.

As prioridades do Pronera são:

a alfabetização e escolarização de jovens e adultos no ensino fundamental e escolaridade de educadores e educadoras para o ensino fundamental em áreas da Reforma Agrária; formação continuada e formação profissional. Na Ufal, essa ação foi iniciada em 1999 e foi desenvolvida até 2007. "Foram quatro etapas, com a parceria do MST, Incra, Fundepes e Secretaria de Estado de Educação e do Desporto, voltadas para a alfabetização e escola-rização de jovens e adultos assentados e para a formação continuada e escolaridade de educadores dos movimentos sociais do campo, especificamente no nível médio normal", explica a professora.

Na conclusão do Pronera, em 2007, 166 formandos receberam a certificação de conclusão de curso. Entre esses, 45 receberam certificado de alfabetização, e 121 de escolarização nas segunda e terceira etapas de Educação de Jovens e Adultos. "Quanto à ação de formação dos educadores, no ano de 2006, dos 18 educadores que participaram do Proforma, dez receberam o certificado de conclusão da formação no nível médio normal. Além da formação inicial, os educadores do Pronera participaram ainda de vários módulos de formação continuada no Centro de Educação da Ufal", relata Ana Vergner.

Continuidade do programa

"A avaliação que se faz do Programa de Educação da Reforma

Agrária reforça a importância desta ação para o fortalecimento da organização dos trabalhadores rurais, principalmente em nosso Estado, que tem altos índices de analfabetismo e de concentração de terra e renda", destaca Ana Vergner. Em reuniões com os assentados, a professora diz que alguns relatos falavam do crescimento do interesse dos educandos envolvidos no Pronera com as atividades e ações desenvolvidas pelo Movimento, provocando uma maior participação deles.

O Proforma também teve uma avaliação positiva pelos participantes. Nos relatórios, destaca-se que as atividades, além de prepará-los para o exercício da profissão docente, proporcionou possibilidades concretas de melhorar suas condições de vida. Alguns educadores, por exemplo, estão inseridos como professores nas redes municipais de ensino. Outros educadores entraram para a graduação na Ufal, demonstrando o compromisso em continuar os estudos.

Durante o IV Encontro de Pesquisa em Educação (Epeal), que aconteceu de 12 a 15 de setembro de 2011, aconteceu uma reunião, com representantes do MST, da Universidade Estadual de Alagoas e do Centro de Educação da Ufal para discutir a retomada do Pronera no Estado. A reunião foi coordenada pela professoras Ana Vergner e Sônia Meire, pesquisadoras de Educação no Campo.

"Novas demandas para a Ufal e para o Pronera têm sido esboçadas pelos



Sônia Meire, ex-coordenadora do Pronera na Ufal

movimentos sociais do campo em Alagoas. O diálogo tem sido mantido no sentido de amadurecer por onde essas novas etapas poderiam caminhar. Compreendemos que os movimentos sociais do campo exercem papel essencial no sentido de apontar para as universidades as demandas de formação que sejam prioritárias, entendendo que a Universidade, uma vez comprometida que está com a transformação da realidade na qual está inserida, precisa se manter sempre numa atitude constante de diálogo e parceria com os movimentos, cumprindo assim um importante papel social", ressalta Ana Vergner.

Cursos e palestras nas escolas aproximam comunidade da vida acadêmica

Jhonathan Pino

De um simples telefonema do Sistema Nacional de Emprego de Alagoas (Sine-AL) para a Ufal, surgiu a ideia de criação de cursos profissionalizantes ofertados pela Universidade. "Ligaram do Sine e me perguntaram se a Ufal tinha algum curso que capacitasse profissionais envolvidos com o cuidado de crianças. A partir dessa necessidade, verificamos a possibilidade de aproveitar as salas vagas no período do recesso universitário, com a oferta de cursos que atendessem à comunidade externa à Universidade", explica José Roberto, coordenador de Programas de Extensão, da Pró-reitoria de Extensão (Proex).

O curso de Cuidadores de Crianças foi apenas o primeiro entre os vários que viriam pela frente. Desde 2008, ele é o mais procurado entre os Cursos de Verão - cursos ofertados todo mês de janeiro nos três campi da Ufal.

Oferecidos pelas unidades acadêmicas e sob a instrução de alunos de diversas graduações, a

comunidade tem acesso a cursos de Web Design, Geoprocessamento Terra View, Empreendedorismo, Finanças Pessoais e outros que muitas vezes têm suas vagas preenchidas em poucas horas de inscrição.

Ofertados em um mês em que a Universidade fica menos movimentada e que as pessoas tradicionalmente o utilizam para descansar, desde 2008 estudantes e profissionais vêm reservando as férias escolares para se qualificarem na Ufal.

"Mas a Universidade verificou que oferecê-los apenas no mês de janeiro não era suficiente, por isso surgiram os Cursos de Inverno, que acontecem sempre no mês de julho. Apesar de surgir da mesma ideia que os precusores Cursos de Verão, a Proex viu nos Cursos de Inverno a possibilidade de oferecer novas modalidades para comunidade", acrescenta José Roberto.

Passaram a ser ofertados então os cursos de Maquete Eletrônica Sketchup, Dança Contemporânea, Básico de Fotografia e

outros, que apesar de estarem numa estação diferente, mantiveram a principal característica dos Cursos de Verão: a gratuidade.

Foi a partir de cursos como esses que Giselle Nascimento teve a oportunidade de fazer o curso de Web Design em janeiro de 2009. A experiência serviu para a aluna de comunicação ter uma visão geral sobre o funcionamento e estrutura das páginas virtuais.

"Após essa experiência optei por fazer um curso mais aprofundado no Senai e com os dois cursos comecei a trabalhar com o desenvolvimento de sites. Desde então, já participei da construção de sites como o Portal da Extensão e da Pinacoteca Universitária", relata Giselle.

Universidade nas escolas

Quando a comunidade não pode ir à Universidade, esta faz o caminho contrário: é a partir desse raciocínio que alunos das escolas públicas puderam ter seus primeiros contatos com a Ufal. Com as aulas e



Curso de cuidadores de criança

palestras que a Universidade promove nas escolas, os estudantes do Ensino Médio passaram a receber professores universitários, que em suas visitas abordam temas pertinentes ao cotidiano dos estudantes como a saúde bucal, doenças sexualmente transmissíveis, tabagismo, a toxicologia das drogas, a alimentação saudável e outros. Neste programa, cada escola pode receber até três palestras após prévio agendamento.

Exposições aproximam estudantes das ciências exatas

Jhonathan Pino

Meia-noite do dia 1º de Abril é o prazo inicial para a professora Maria Tereza de Araújo, do Instituto de Física (IF), receber as inscrições da Exposição de Física (Expofísica), que são realizadas apenas no mês de maio. Apesar do prazo de um mês para que os colégios se inscrevam no evento, já as 9h da manhã do primeiro dia de inscrições a caixa postal da professora está abarrotada de e-mails de colégios de todo o Estado querendo participar da Expofísica.

No último ano, foram mais de 1.200 alunos do ensino médio que tiveram contato com projetos, laboratórios de pesquisa e experimentos didáticos com ondas, óptica, física moderna e outras áreas da Física. O que era para ser um evento para desmistificar uma ciência, muitas vezes mal compreendida entre estudantes, acabou virando sinônimo de diversão e acesso ao conhecimento de uma forma lúdica.

O maior exemplo disso é a tradicional experiência dos alunos com o gerador de Van Der Graff: equipamento de armazenamento de cargas de atrito, que ao ser tocada com as duas mãos pelas pessoas, tem suas cargas distribuídas para todas as áreas do corpo humano, neste caso representado pelos cabelos. "Os estudantes ficam fascinados com a imagem de seus cabelos arrepiados após tocarem o equipamento", relata a professora.

Mas o gerador não é a única experiência proporcionada pela Expofísica. Desde 2003, quando houve a primeira edição do evento, os alunos tiveram contato com as interfaces da Física com a Medicina, com os esportes, a música, o meio ambiente, o corpo humano, a física nuclear e a astronomia. Elas são delimitadas pela temática do Ano. Em 2011, por exemplo, em "A Física no Cinema 3D", os alunos tiveram acesso a tecnologia que hoje é a sensação da indústria cinematográfica, a imagem em três dimensões.

Na realização desses experimentos, estão cerca de 70 alunos de cursos de graduação do IF envolvidos com a organização de todas as etapas do evento. "Muitos dos alunos que hoje participam como monitores do evento tiveram seu primeiro contato com o Instituto na Expofísica", explica a

professora Maria Tereza. Ela ainda ressaltou que o evento é uma forma de atualizar as escolas com a Física contemporânea, além de trazer mais alunos para o curso.

Quando a questão é despertar o interesse dos alunos para uma ciência, a Expoquímica tem a fórmula correta. Conforme a professora Valéria Malta, do Instituto de Química e Biotecnologia (IQB), no ano seguinte em que a primeira edição do Expoquímica foi realizada, em 2004, a concorrência para o vestibular aumentou cerca de 20%. Logo no primeiro ano do evento, cerca de 500 alunos tiveram contato com as diversas áreas da Química. Realizado na Semana de Química, o evento coloca a comunidade em contato com experimentos em feromônios, polímeros, química analítica e discussões acerca da inovações da química contemporânea.

Também na tentativa de trazer alunos do ensino médio para as salas de aula do Instituto de Matemática, o inusitado Matfest oferece palestras e visitas à unidade para mais de 300 alunos desde 2004. Apesar do nome, a proposta é bem séria: "o evento tem o objetivo de divulgar a profissão e situar os nossos futuros alunos sobre o que eles vão estudar na graduação, pois muitos deles quando chegam aqui têm uma visão do curso diferente daquela que tinham enquanto estudantes do ensino médio", relata Elisa Sena, uma das palestrantes do evento em 2011.



Aluna em experimento com o gerador de Van Der Graff



Professores Valéria Malta e Paulo César: professores que acompanham o Expoquímica desde 2004

Olimpíadas científicas ajudam a desvendar **TALENTOS**

Além do Matfest, muitos estudantes ainda tem seu primeiro contato com o curso de Matemática ainda no ensino fundamental. O professor Adailson Peixoto é responsável, no Estado, pela maior olimpíada de Matemática do mundo. Com mais de 19 milhões de participantes no Brasil, dos quais 386 mil estudantes alagoanos, a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep) é realizado desde 2005 com o objetivo de identificar talentos da área, quando estes ainda estão nas escolas.

Os estudantes, a partir do sexto ano do ensino fundamental, passam por duas fases de provas nos seus Estados de origem, sob a responsabilidade das universidades federais. Os trezentos alunos com as melhores notas nacionais ganham medalhas de ouro, entregues pelo Presidente da República e, a partir daí, recebem bolsas de Iniciação Científica Jr.

Essas bolsas acom-

panham os estudantes quando estes entram na Universidade, como também na pós-graduação, independente da área que o aluno curse. "Esses talentos precisam ser identificados, pois as diferentes áreas do conhecimento demandam de pessoas de maior afinidade com a Matemática, independente de suas profissões", explica Adailson.

As escolas dos alunos medalhistas também são premiadas com bibliotecas, kits audiovisuais e esportivos, e os professores com maiores índices de alunos medalhistas também são agraciados com treinamentos no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa), no Rio de Janeiro.

Apesar de ser a maior, a experiência da Obmep foi consequência da já existente Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), que existe desde 1979 e é organizada pela Sociedade Brasileira de Matemática (SBM). "Apesar de ter o mesmo objetivo que a Obmep, a má qualidade do

ensino público em algumas regiões do país faz com que essa olimpíada dê destaque maior a algumas escolas particulares", ressalta Adailson. Na Ufal, o professor responsável pela OBM é o professor Krerley Oliveira, que seleciona os participantes por meio da Olimpíada Alagoana de Matemática, sob a responsabilidade de Luciana Contiero.

Mas não é só na Matemática que as olimpíadas viraram moda: em 1998, com o objetivo de despertar e estimular o interesse pela Física, proporcionar desafios aos estudantes e aproximar a universidade do ensino médio, a Sociedade Brasileira de Física pegou o mesmo barco e passou a organizar a Olimpíada Brasileira de Física, com o apoio dos cursos de Física das universidades federais. Em 2011, mais de 2.200 alunos em Alagoas participaram da Olimpíada e, em 2010, dois alunos do Estado receberam medalha de ouro.



Maria Tereza comemora sucesso das nove edições do Expofísica

Projetos orientam população a desenvolver hábitos saudáveis

Tâmara Albuquerque e Rose Ferreira

Com 391 registros no Banco de Ações de Extensão da Universidade Federal de Alagoas, a área da Saúde é a que apresenta mais programas, projetos, cursos e eventos de extensão, envolvendo profissionais e estudantes das mais diversas áreas do conhecimento. As linhas de extensão vão desde saúde da família até grupos sociais vulneráveis, passando por esporte e lazer, fármacos e medicamentos e saúde animal.

Um desses programas acontece no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA). O Programa de Controle do Tabagismo iniciou em outubro as atividades com mais um grupo de fumantes que buscaram ajuda para acabar com o vício. Foram abertas 60 vagas nessa fase do programa, implantado no Centro de Alta Complexidade em Oncologia (Cacon), em 2007, como medida preventiva ao câncer – em suas diversas manifestações –, muitas vezes decorrente do consumo das drogas presentes em produtos como o cigarro.

Considerado referência em Alagoas pelo Ministério da Saúde, o programa estimula os participantes a largarem o fumo lançando mão de duas importantes estratégias. A principal delas é o trabalho cognitivo-comportamental, em que os profissionais reúnem os pacientes a cada semana, quinzena ou mês para um trabalho orientador. O objetivo dessa abordagem é tentar mudar comportamentos, conscientizando os fumantes dos danos que o vício provoca à saúde dele próprio e nos aspectos socioeconômicos.

Os pacientes, em geral, conhecem os males do tabagismo, mas não estão sensibilizados suficientemente para adotarem comportamentos que ajudem a superar o vício, que é físico e psicológico. Nesses encontros em grupo, eles adquirem conhecimento detalhado sobre os riscos, as sequelas e a morbidade do tabagismo e, especialmente, partilham experiências e falam das angústias e dificuldades para vencer a dependência química. Ex-fumantes que participaram



Equipe do Programa de Controle do Tabagismo

do programa também contribuem dando depoimentos.

Segundo os especialistas, o cigarro altera toda a química cerebral do fumante e passa, depois de um tempo, a fornecer os efeitos que eles teriam normalmente por meio de sua própria química. A nicotina age como um estimulante indireto de neurotransmissores, por isso tem efeito antidepressivo e ansiolítico. Age, ainda, na química da concentração, da memória, interferindo em todo o funcionamento cognitivo.

Uma equipe multidisciplinar com profissionais psicólogos, assistente social, farmacêutico e pneumologista dão assistência aos participantes do programa no HU, mas quando essas ações não surtem o efeito esperado para a sessão do tabagismo, o paciente passa a receber o tratamento medicamentoso, como determina o Ministério. Os medicamentos, em forma de adesivo, goma de mascar ou comprimidos, são distribuídos gratuitamente pelo governo federal e retirados com prescrição no próprio hospital.

O Programa do HU trabalha com o que é preconizado em literatura nos mais reconhecidos protocolos de tratamento: a associação do tratamento farmacológico personalizado com o

acompanhamento psicológico de orientação comportamental. “Algumas pessoas não conseguem superar a abstinência das drogas contidas no cigarro e precisam desse reforço medicamentoso”, explica a coordenadora do programa Maria Betânia Fernandes. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), um quinto da população do planeta é viciada em cigarro, produto que contém mais de 4.700 substâncias danosas ao organismo e ao meio ambiente.

Dona Madalena, de 65 anos, foi uma das primeiras inscritas para o Programa nesta nova etapa. Ela garante já ter feito várias tentativas, sem sucesso, para deixar de fumar uma média de 20 cigarros por dia. Cardiopata e fumante há 40 anos, a dona de casa responsabiliza o cigarro pela morte do marido há seis anos. “É um vício horrível. Ele fumava três carteiras de cigarro por dia e morreu de câncer. Meus filhos brigam comigo por causa do cigarro, mas eu não consigo largar”. Ela foi orientada a procurar o HU pelo médico clínico do posto de saúde onde se consulta.

A doméstica diz ter vergonha de ser fumante, especialmente porque o mau cheiro da fumaça do cigarro vive impregnado em seu corpo. “A gente que fuma vive fedendo. A roupa, o cabelo, a

cama, o travesseiro, tudo fede a cigarro. Dá vergonha de chegar perto das pessoas. Tenho esperança que através desse programa eu vou conseguir parar” diz. A dona de casa Josefa Maria, que mora em Rio Largo, fuma há mais de 20 anos e já tentou várias vezes largar o vício. A bolsa ainda vive carregada de balinhas, raspas de gengibre e o que ensinam para “distrair e evitar o cigarro”. Segundo ela, o cigarro “alivia a tensão nervosa, apesar de ser um veneno”, e por isso é difícil largar o fumo. Josefa conseguiu reduzir em 50% o consumo de três carteiras de cigarros por dia, mas precisa sair de casa para vencer a “tentação de acender o cigarro”. Ela conta que ainda acorda na madrugada pra fumar.

O tabagismo é um fator de risco provocando mais de 50 doenças e é responsável pelo registro de cinco milhões de mortes que acontecem anualmente no mundo, sendo 200 mil no Brasil. A Organização Mundial da Saúde considera o tabagismo como a segunda maior causa de mortes de fumantes ativos e a terceira de fumantes passivos. Apenas 5% dos fumantes que tentam abandonar o vício sem ajuda especializada conseguem manter a abstinência. A grande maioria acaba voltando a acender o cigarro depois de um ano.



Josefa Maria e dona Madalena na luta contra o vício

O que as ações de Extensão podem fazer pela Ufal

Rachel Rocha*

Prima pobre do tripé da vida universitária, a Extensão está prestes a galgar o pódio das eleitas pelas políticas educacionais do governo federal. Já não era sem tempo. Sem o devido equilíbrio das ações de Extensão, o conhecimento se distribui num tripé capenga e alija o vigoroso campo da experiência. Assim, a Extensão amarga a triste condição de viver espremida entre suas duas primas ricas: as atividades de Ensino, desenvolvidas em sala de aula – e já convivendo com os impasses de uma vizinhança nem sempre consensual, tal como a EAD, por exemplo –; e as de Pesquisa – estas sim, atividades reconhecidamente nobres e bem posicionadas no ambiente e na ideologia da instituição que, a rigor, está voltada

para a produção de “conhecimento qualificado”.

Que qualidades, então, desejamos alcançar? O hiato aberto entre um saber qualificado (a pesquisa) e seu repasse (o ensino), dá agora um voto de confiança ao conhecimento sensível que, algumas vezes exercido em detrimento do conforto de teorias estabelecidas, oferece, com humildade e com coragem, o outro lado da face.

A Ufal precisa de ações de Extensão na proporção de que precisa, igualmente, ver e enxergar a sociedade na qual se insere e da qual extrai sua sobrevivência e glória. A razão é simples: uma universidade que pratica a Extensão é uma instituição com muito mais chances de dialogar e de aprimorar

o sucesso nas intervenções que visem o desenvolvimento social e humano e que reforce o compromisso com a realidade na qual se insere.

A Extensão é uma possibilidade concreta que a Ufal tem de voltar sua atenção especializada na direção de Alagoas e dos alagoanos; a oportunidade de pensar que a pesquisa aplicada é uma possibilidade real de intervir positivamente no enfrentamento de situações reais colocadas. É também fonte de inspiração para o cientista, que sendo um especialista, deve ser também um ser humano atento à sua espécie e ao seu planeta; afinal, a instituição é pública. E por isso não se deve usar seu nome em vão, nem desprezar o conceito mais amplo

do que é fazer Ciência; muito menos, do que significa uma Universidade.

Para além do Ensino e da Pesquisa, a sinalização de que a Ufal ingressa definitivamente num ciclo qualitativo se fará também pelo fortalecimento das políticas de Extensão, pois estas bebem direto de uma fonte que toma a realidade como motivação para a produção de conhecimento – útil, num sentido socialmente engajado, e sensível – pois sintonizado com angústias alheias; um conhecimento, agora sim, despojado e comprometidamente público como a instituição que o produz.

*** É professora de Antropologia e faz Extensão**